



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO – CAMPUS III

MARCELO CARDOSO CRUZ

**O FOCO NARRATIVO EM *WUTHERING HEIGHTS*, DE EMILY BRONTË**

GUARABIRA – PB

2017

MARCELO CARDOSO CRUZ

**O FOCO NARRATIVO EM *WUTHERING HEIGHTS*, DE EMILY BRONTË**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à  
Universidade Estadual da Paraíba, como Exigência  
parcial para obtenção do Título de Licenciatura  
Plena em Letras-Inglês.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sueli Meira Liebig

GUARABIRA- PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C955f Cruz, Marcelo Cardoso  
O foco narrativo em Wuthering Heights de Emily Brontë  
[manuscrito] / Marcelo Cardoso Cruz. - 2017.  
28 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras -  
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Humanidades, 2017.  
\*Orientação: Sueli Meira Liebig, Departamento de Letras\*.

1. Wuthering Heights. 2. Emily Brontë. 3. Gótico. 4. Foco  
Narrativo. I. Título.

21. ed. CDD 823

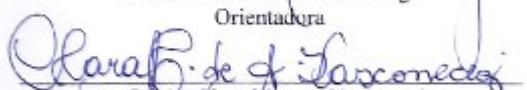
MARCELO CARDOSO CRUZ

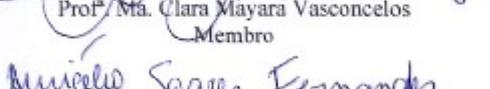
Monografia apresentada pelo aluno Marcelo Cardoso Cruz, do Curso de Licenciatura Plena em Letras - Inglês, tendo obtido o conceito de Aprovado, conforme a apreciação de Banca Examinadora constituída pelos professores:

Aprovado em: 04 de 08 de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.ª. Dra. Sueli Meira Liebig  
Orientadora

  
Prof.ª. Ma. Clara Mayara Vasconcelos  
Membro

  
Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes  
Membro

Mainha,

Infelizmente tu não viveste o suficiente para me ver realizar os meus sonhos, nem para ver até onde eu consegui chegar com todo meu esforço e determinação, mesmo sendo desacreditado por muitos, fui capaz de trilhar meu próprio caminho e devo isso a senhora que sempre me amou, protegeu, educou e principalmente me ensinou a acreditar que tudo nessa vida é possível quando se tem fé!

Onde quer que a senhora esteja saiba que eu sou grato por tudo e todo o meu sucesso eu dedico a ti.

Marcelo.

## AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, pois sem Ele nada nessa vida é possível.

A minha professora e orientadora Dr<sup>a</sup> Sueli Meira Liebig que despertou em mim a paixão pela literatura (em especial a literatura inglesa) e me apresentou a autores e autoras fantásticos, tenha certeza de que seus ensinamentos eu levarei até o fim da minha vida, OBRIGADO!

A minha banca examinadora composta pelos queridos professores Auricélio Soares e Clara Vasconcelos.

A todo corpo docente da UEPB, em especial aos professores: Izandra Fernandes e Eveline Alvarez, vocês fazem mais do que parte da minha história acadêmica, são anjos que eu tive sorte de encontrar em meu caminho.

As meninas da Coordenação de Letras da UEPB: Marcielly Félix e Euda Saraiva, mais do que simples funcionárias e secretárias da universidade, são seres humanos incríveis e tornaram-se grandes amigas, OBRIGADO MENINAS!

A minha família que de alguma forma contribuiu para tudo isso.

Aos amigos que sempre acreditaram, apoiaram e enxergaram em mim um potencial que eu desconhecia, especialmente a Thalyta Cardeal e Jammerson Luis Alves (não fosse por vocês eu teria perdido as provas do vestibular por ter dormido demais).

Aos colegas da turma 2013.1 que durante esses quatro anos compartilharam comigo tantos momentos bons, e apesar das dificuldades, superamos todos os obstáculos e estamos concluindo essa etapa tão importante de nossas vidas. Desejo todo sucesso do mundo para vocês!

A Emilly Brontë, essa grande mulher e escritora que com a delicadeza e força de sua escrita me conquistou desde a primeira vez em que li o seu romance *Wuthering Heights*, uma obra magnífica e esplendorosa, com seus personagens encantadores e que evocam toda uma gama de sentimentos, despertando em mim uma verdadeira admiração.

Por último e não menos importante quero agradecer a você Will Robson, que trouxe para minha vida escura e vazia a esperança em dias melhores, o amor e a fé que eu havia perdido em mim mesmo, sem você e seu apoio nada disso teria sido possível, obrigado por acreditar e principalmente por não ter desistido de mim, TE AMO IMENSAMENTE!

“...a pólvora permaneceu tão inofensiva quanto areia, porque nenhum fogo chegou perto para a fazer explodir.”

Emily Brontë

## RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é analisar o foco narrativo do romance *Wuthering Heights*, de Emily Brontë, sob a perspectiva da personagem Nelly Dean, a empregada e governanta fiel e testemunha ocular dos acontecimentos presentes na obra. Ela teve, em diversos momentos, uma participação decisiva no desenrolar da trama vivenciada entre as famílias Earnshaw e Linton, principalmente no triângulo amoroso vivido por Catherine, Heathcliff e Edgar Linton. Nelly Dean não é apenas uma simples criada, mas também é uma espécie de conselheira, confidente e após a morte da Senhora Earnshaw assume o posto de mãe dos irmãos Catherine e Hindley, e por que não do “bastardo” Heathcliff que também ficou aos seus cuidados? Nelly não é uma simples narradora, mas também exerce uma espécie de poder e, de alguma forma, todos os personagens da trama se encontram ligados a ela, e essa ligação é que faz dela a chave para diversos acontecimentos decisivos que afetam a vida de alguns desses personagens para o bem ou para o mal, consciente ou inconscientemente. Ela também representa as camadas inferiores da população, onde o saber popular, o temor aos castigos divinos, o preconceito, a divisão entre classes sociais e a moral, predominam na Inglaterra do século XIX. Para nortear este trabalho, tomaremos como base os estudos de Friedman (2002), Chiapinni(2007), Gancho (2002), dentre outros.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Wuthering Heights. Emily Brontë. Gótico. Foco Narrativo.

## ABSTRACT

The general objective of this work is to analyze the narrative focus of Emily Brontë's novel *Wuthering Heights* from the perspective of the character Nelly Dean, the maid and faithful housekeeper, and eyewitness of the events in the work. She had a decisive participation in the development of the lived experience between the Earnshaw and Linton families, especially in the love triangle lived by Catherine, Heathcliff and Edgar Linton. Nelly Dean is not only a simple servant, but also a sort of adviser, confidant, and, after the death of Ms. Earnshaw, she assumes the motherhood of the brothers Catherine and Hindley, but why not the "bastard" Heathcliff who was also under her care. Nelly is not a simple narrator, but she also exerts a kind of power, and somehow all the plot characters are linked to her, and this connection is what makes of her the key to several decisive events that affect the lives of some of these characters for the good or for the bad, consciously or unconsciously. It also represents the lower strata of the population, where popular knowledge, fears of divine punishment, prejudice, division between social classes and morality predominate in nineteenth-century England. To guide this work, we will take as theoretical background the studies carried out by Friedman (2002), Chiapinni (2007), Gancho (2002), among others.

### KEY WORDS:

Wuthering Heights. Emily Brontë. Gothic. Narrative focus.

## **Sumário**

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. A RELAÇÃO ENTRE A MULHER, ESCRITA DO ROMANCE E O ESTILO GÓTICO NA ERA VITORIANA</b> .....	11
<b>3. EMILY BRONTË, SUA INFLUÊNCIA NO UNIVERSO LITERÁRIO E EM OUTRAS MÍDIAS</b> .....	14
<b>3. O FOCO NARRATIVO</b> .....	16
<b>4. ANÁLISE DO CORPUS</b> .....	20
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	26
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	27

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo principal a análise do foco narrativo em *Wuthering Heights*, único romance da escritora inglesa Emily Brontë.

Na primeira parte faremos uma introdução sobre a relação entre a mulher, escrita do romance e o estilo Gótico na Era Vitoriana. No capítulo seguinte abordaremos sobre Emily Brontë, sua influência no universo literário e em outras mídias. Já no terceiro e último capítulo iremos analisar o foco narrativo e a importância de Nelly Dean como narradora/personagem/testemunha dos vários eventos ocorridos na fazenda Wuthering Heights e em Trushcross Grange entre as famílias Earnshaw e Linton.

Para elucidar a função da governanta Nelly Dean dentro da obra, vamos recorrer à teoria de Norman Friedman (2002) e a sua tipologia que nos apresenta vários tipos distintos de narradores, cada qual com uma determinada função na narrativa, onde os acontecimentos vão sendo desencadeados ao longo da história gerando alterações do início para o fim do que está sendo contado ou mostrado.

São essas alterações que dão razão ao que se pretende na narração de um fato. Essas alterações são geradas por conflitos entre os personagens, no caso da obra da autora supracitada trata-se do amor proibido vivido pelos personagens principais Catherine e Heathcliff como também o fato dos mesmos serem de classes sociais diferentes, o que para época era inaceitável principalmente por ele ser de origem desconhecida. Para incitar os acontecimentos na fazenda Wuthering Heights entra em cena o jovem Edgar Linton, encantado pela beleza e personalidade de Catherine, tornando-se rival de Heathcliff na luta pelo coração da donzela.

Todo esse enredo foi acompanhado de perto por Nelly, a qual tenta a todo custo trazer a paz que outrora reinava no lar dos Earnshaw, mas que pelos caprichos da jovem e impetuosa Catherine ao brincar com o amor de dois homens somando-se aos instintos da natureza vingativa que Heathcliff despertou em si, acabou por envolver as duas famílias em uma trama de intrigas, ódio e sofrimento.

## 1. A RELAÇÃO ENTRE A MULHER, ESCRITA DO ROMANCE E O ESTILO GÓTICO NA ERA VITORIANA

O ato de narrar é tão antigo quanto à própria existência humana, através dos tempos, o homem nos transmite os acontecimentos e fatos, por exemplo, por meio das pinturas rupestres que estampam as paredes das cavernas e nos mostram cenas do cotidiano dos nossos ancestrais; as pessoas mais velhas, através de estórias e contos, transmitem oralmente às gerações mais novas a sua sabedoria e cultura. Os poetas e escritores, com suas obras, nos transportam a mundos fantásticos, batalhas heroicas e histórias de amores possíveis e impossíveis com seus finais felizes e às vezes trágicos. A obra *Wuthering Heights*, traduzida em português como *O morro dos ventos uivantes*, é o único romance da escritora inglesa Emily Jane Brontë, publicado em 1847 e desde seu lançamento desperta reações diversas em quem o lê, as quais variam entre a afeição pelo tórrido romance vivido pelos personagens Catherine e Heathcliff e a repulsa por Heathcliff, que se deixa dominar por fortes sentimentos de vingança e ódio que vão além dos limites da compreensão da natureza humana e do sobrenatural.

No final do século XVIII e início do século XIX, as mulheres eram subjugadas e deixadas à margem da sociedade, limitando a sua atuação no âmbito social. Então, como se explica o fato das mesmas estarem entre os fundadores do gênero romanesco? Sandra Guardini Vasconcelos nos responde a essa pergunta em sua obra *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*:

As exortações para que fossem discretas e reservadas e para que se limitassem a exercer influência na casa e na família certamente não combinavam com ambições literárias. Entretanto, o romance foi o instrumento escolhido por muitas delas exatamente como meio de expressão, de denúncia, de revolta e de recusa de sua situação. As condições de possibilidade para isso foram encontradas no próprio meio limitado em que viviam. (VASCONCELOS, 2002, p. 107)

Outro fator que vale a pena salientar é a maneira como a escrita feminina era vista. Enquanto do homem se esperava um discurso carregado de razão, da mulher se esperava um discurso mais pessoal e sentimental em relação à masculina, e isso demonstrava a dicotomia na diferença da escrita masculina versus escrita feminina. Algumas escritoras, no entanto, fugiram da regra de escrever textos carregados de sentimentalismo e sobre mocinhas sofridas que sempre se davam bem no final e mostraram uma realidade mais crua e sombria, como no caso de Emily Brontë que, segundo Márcia Morales Klee (2008), uniu com perfeita maestria

os gêneros gótico e romântico. O universo habitado por seus personagens e descrito logo no início da obra como um lugar frio, remoto e tempestuoso já são indícios da atmosfera densa e turbulenta que será encontrada no decorrer da narrativa, assim como demonstram as características comportamentais de seus personagens. Influenciada pelo gótico, Brontë utilizou-se também do artifício de se ocultar por trás de um narrador personagem (Nelly Dean).

No tocante ao termo gótico, ele foi usado inicialmente para se referir aos *godos*, uma tribo bárbara de origem germânica, remetendo-nos a várias ambiguidades e associado ao medo, ao horror, ao macabro, ao sobrenatural, era o oposto do estilo clássico predominante na época (KLEE, 2008). O romance gótico acabou por ganhar uma forte evidência e se sobressaiu na Inglaterra e por consequência desempenhou um papel impactante em todo o mundo. O público feminino teve uma grande participação na disseminação e popularização do novo gênero literário, fazendo-o conquistar, segundo Maria Petrova (2016), grande sucesso no século XIX. A peculiaridade dos autores góticos estava em questionar os valores, a moralidade, o tradicionalismo e a dualidade entre o bem e o mal, como também as virtudes e os vícios do ser humano. Como podemos ver claramente na citação de Sandra Guardini de Vasconcelos sobre o primeiro romance gótico publicado na Inglaterra:

A publicação de *The Castle of Otranto*, de Horace Walpole, em 1764, reintroduziu, por assim dizer, no seio dos ideais neoclássicos de harmonia, decoro e moderação, o horrível, o insano e o demoníaco, escancarando as contradições que marcaram a assim chamada Era da Razão. Com esse gênero literário, reapareciam em cena os fantasmas e espectros que, tendo habitado a literatura até o século anterior, o mundo racional e bem ordenado dos augustanos havia pretendido relegar ao esquecimento. (*Opus cit.*, p.119)

Walpole enriqueceu o seu romance com muitos dos itens da literatura gótica, com tramas que mesclavam o real e o sobrenatural, uma antiga maldição que pairava sobre o castelo, fantasmas, traições, assassinatos e tudo isso em um cenário obscuro e sombrio. E essa temática voltaria a ser usada por muitos escritores nas décadas seguintes, incluindo Emily Brontë e seu *Wuthering Heights*.

Durante a era vitoriana a mulher desempenhava um papel estritamente doméstico, o que a tornava submissa ao seu marido, fazendo assim a vida difícil e muitas vezes infeliz. As mulheres foram testemunhas oculares e silenciosas de muitas mudanças ocorridas em seu tempo, sem ter participação alguma nelas. O lar era cenário dos sofrimentos, dos desamores, das desventuras femininas, mas também foi o pano de fundo para as futuras histórias de autoria feminina no universo gótico. Camila Mello chama-nos a atenção para o fato de que:

Foi com o intuito de dar voz ao terror doméstico da mulher vitoriana que a ficção gótica mudou o seu foco de atenção. Na década de 1840, os romances das irmãs Brontë reposicionaram o universo doméstico como lugar do gótico de forma definitiva. A grande contribuição das autoras consiste no fato de a narrativa ser contada de dentro para fora da casa, bem como em uma mudança de ponto de vista narrativo: é na mulher e nos seus terrores e paixões que a narrativa foca. Além disso, tais terrores passam a ser atrelados a figuras muito mais caseiras e cotidianas do que nos romances setecentistas. Em *Jane Eyre* (Charlotte Brontë, 1847), por exemplo, é o quarto vermelho no qual a jovem Jane fica de castigo que evoca o horror, e é a louca no sótão de Thornfield Hall que traz a instabilidade para a protagonista. Em *Wuthering Heights* (Emily Brontë, 1847), apesar de a casa ter um papel parecido com as construções dos romances setecentistas, é *dentro* dos personagens que o gótico se forma, no desejo de Catherine pelo obscuro Heathcliff, e é no caráter ambíguo, amedrontador e sedutor dele que o gótico se faz. (2011, p.145).

O cenário doméstico, incluindo todos os dramas vividos por essas mulheres no dia-a-dia tornaram-se o pano de fundo e o ponto de vista ideal para a criação das histórias dessas romancistas.

Disputas de sangue entre irmãos, incesto, maus-tratos e humilhações, contatos com o sobrenatural, confinamentos, a exemplo do que Heathcliff submeteu a jovem Cathy, filha da sua amada Catherine e a quem ele culpa pela morte dela, são retratados com uma estética própria do Gótico literário, as narrativas do Gótico feminino alcançaram considerável sucesso, vale lembrar que as mulheres representavam a maior parte da massa de leitores e por consequência acabavam difundindo os romances.

## 2. EMILY BRONTË, SUA INFLUÊNCIA NO UNIVERSO LITERÁRIO E EM OUTRAS MÍDIAS

Durante a era Vitoriana, a literatura se destacava pela produção de romances com retoques puritanos e moralistas e com ênfase na prática da fé. Diante do progresso que se apresentava, a sociedade aumentava sua sede pelo conhecimento, foi nesse período que diversos autores se consolidaram com suas obras em um mundo dominado por uma sociedade masculina e misógina que impunha os seus padrões e onde a mulher não tinha seu espaço, mas entre eles eis que figurava de forma anônima, Emily Brontë, chamando atenção com o seu único livro, inicialmente de forma negativa, pois a autora tratou com liberdade sobre assuntos que eram considerados como tabu no século XIX, como a força e destreza da mulher representada por Catherine e o protagonismo de um homem cigano, nascido sem berço e sem nome representados por Heathcliff. Infelizmente Emily Brontë não viveu suficientemente para ver a sua obra conquistar o mundo e despertar a curiosidade dos leitores com sua história perturbadora e ao mesmo tempo cativante.

A característica de algumas obras da literatura vitoriana tinha como função a formação do caráter moral e a preservação dos bons costumes. Sendo assim é muito comum que os romances dessa época tivessem personagens bem definidos, geralmente os mocinhos que desempenhavam os papéis heroicos e os vilões que representavam toda a sordidez do ser humano. As mulheres desse período não tinham liberdade para expressar a sua opinião, além de serem totalmente submissas às regras daquela sociedade patriarcal, moralista e religiosa, motivo esse que a levou a publicar o seu romance sob o pseudônimo masculino Ellis Bell.

Em 30 de Julho de 1818, no condado de Thornton, nascia Emily Jane Brontë, quinta filha do casal Patrick Brontë e Maria Branwell. No ano de 1820, a família muda-se para a aldeia de Haworth, onde o seu pai se tornou vigário de uma igreja local e, apesar dos poucos recursos e por viverem praticamente em reclusão, as crianças se distraíam e ocupavam o seu tempo lendo os livros da biblioteca do pai, o que ajudou no florescimento do talento literário das três irmãs e do irmão Branwell. Logo após a morte precoce da mãe, as crianças começam a criar histórias que se passam em terras e reinos fantásticos como Gondal, Angria e Gaaldine. Escrever foi a forma com que as crianças encontraram para fugir dos rigores de uma vida puritana e tediosa de um ambiente rural. Poucos escritos de Emily Brontë foram encontrados dessa época, tendo ela publicado apenas um único livro, *Wuthering Heights*, que se tornaria, segundo a redação do jornal *Diário de Cuiabá* (2017), referência para inúmeras produções futuras no cinema, na televisão, no teatro e na música.

A posição da mulher no cenário literário viria a mudar com o tempo, foram elas que

difundiram o romance e tornaram-se as peças-chave na criação dos mesmos, quer como personagens, leitoras ou autoras. Os burgueses estavam em ascensão e isso desencadeou mudanças significativas na sociedade inglesa, o poder (político e econômico) começou a mudar de mãos, o casamento que antes era visto como um negócio entre famílias aristocratas e que geralmente era arranjado pelas mesmas, aos poucos foi sendo substituído pelo casamento onde o amor entre os companheiros prevaleceria (VASCONCELOS, 2007, p. 124).

A mulher por natureza é um ser detalhista, delicado, emotivo, Emily Brontë porém empregou essas emoções e sentimentos de uma forma singular no seu romance, criando uma personagem que vai de contra todos esses preceitos de feminilidade, pois Catherine Earnshaw é uma jovem atrevida, livre, corajosa e que não se rende ao que a sociedade impõe.

Devido a sua importância, *Wuthering Heights* foi bastante reeditado, sendo republicado nos quatro cantos do mundo. A história de Brontë não se resumiu apenas as páginas dos livros, seu texto foi adaptado também para o teatro, cinema e televisão o que ajudou a propagar tanto obra como autora. No cinema as versões mais famosas ficaram a cargo do diretor Willian Wiler, em 1939 com Laurence Olivier e Merle Oberon; e também a versão do diretor Peter Kosminsky em 1992, com Juliette Binoche e Ralph Fiennes.

A narrativa também inspirou o mundo da música e no ano de 1978, a cantora britânica Kate Bush traduziu o romance entre Catherine e Heathcliff em alguns versos de sua canção homônima “Wuthering Heights”, tocando exaustivamente nas rádios, ficou por bastante tempo no topo das paradas, além de aguçar a curiosidade dos ouvintes sobre a maravilhosa história de Emily Brontë. (VARGAS, 2017).

Emily Brontë tratou de um assunto tão delicado, com um toque exclusivo, abordando uma história que vai do amor ao ódio entre dois jovens tão diferentes, como suas classes sociais e suas personalidades, sob um ambiente místico, que despertou assim ao longo da história, o interesse da indústria cinematográfica, *Wuthering Heights* foi lançado em várias versões e nacionalidades: mexicana, japonesa, francesa e brasileira, cada qual com a sua particularidade, mas como texto base, a obra de Brontë. (CINEMACLASSICO; 2017).

A grande marca de Emily Brontë em relação a outras mulheres escritoras, como Jane Austen, por exemplo, é sua forma em lidar com o amor de forma sombria e avassaladora, enquanto Jane se mostrava mais leve em seu pensamento e um tanto sarcástica, porém, prezando pela virtude, o amor, a justiça e o caráter de seus personagens.

### 3. O FOCO NARRATIVO

Não é possível discutir sobre a teoria do foco narrativo sem antes mencionar os grandes pensadores da Grécia Antiga, Platão e Aristóteles, principalmente nas questões que dizem respeito aos personagens de ficção, pois é justamente aí que se dá início aos estudos sobre as narrativas.

De acordo com Beth Brait (1985), dos filósofos conhecidos, Aristóteles (384-322 a. C) foi o primeiro a abordar esse problema em sua *Poética*, discutindo as manifestações da poesia lírica, épica e dramática e também sobre a importância do personagem e qual a sua função na literatura.

O texto de Aristóteles, a *Poética*, acabou por tornar-se o alicerce de toda a teoria literária ocidental, abordando critérios poéticos como a verossimilhança, os gêneros e a imitação narrativa. Ele afirma que toda poesia é fruto da imitação (*mimesis*), já as narrativas (*diegesis*) são um dos modos dessa imitação.

A maioria das histórias, por mais curtas que sejam, possuem um narrador, este por sua vez tem um papel importante que é o de nos apresentar os fatos e o desenrolar da trama sob sua perspectiva e ponto de vista, podendo assumir diferentes posições dentro da história, apresentando-se em primeira ou terceira pessoa.

Em uma narrativa podemos encontrar diversos elementos essenciais que se interligam e compõem uma história. Em uma prosa de ficção é fundamental a presença de um narrador que caracteriza essa narrativa, esses elementos são definidos como: enredo, personagens, tempo, espaço e ambiente. Essa sequência de ações progride para um fim; um relato de acontecimentos intermediados pelo narrador, por meio da ação de seus personagens.

Diversos autores criaram teorias relacionadas ao foco narrativo, com o intuito de facilitar a compreensão do enredo, tais como Brooks e Warren, Friedman, Pouillon e Komroff. Outros autores também contribuíram para a formação da análise do foco narrativo, complementando obras dos autores supracitados, como Lubbock, Henry James, Kayzer, Stanzel, Booth, Tomachevski e Uspenki, cada um com sua identidade e importância na construção do foco narrativo.

É relevante a observação entre a diferença das expressões “ponto de vista” e “foco narrativo”, pois ambas tratam do mesmo objetivo, porém uma deriva da pintura, onde o pintor escolhe o ponto para colocar seu objeto em evidência; e a outra expressão é oriunda da física, que indica “o ponto para onde converge ou diverge”, fazendo do foco narrativo o ponto de partida com indícios de autenticidade do narrador em seu enredo (CARVALHO 1981).

Norman Friedman classifica o narrador de acordo com o modo em que ele se apresenta no texto, o autor também ressalta que existem vários tipos de narrador, uns participam mais ativamente da história, outros narradores se mantêm afastados e apenas se resumem a observar as ações, porém não há a exclusividade de um texto com um único tipo de narrador.

Cândida Vilares Gancho (2012) descreve em sua obra *Como analisar narrativas*, a tipologia do narrador, exemplificando como seu papel varia de acordo com a história a ser contada. Desta forma, o narrador é inserido no contexto como um personagem que viu, viveu e presenciou os acontecimentos, ou simplesmente aparece como uma voz que nos apresenta os fatos, porém sem participar ativamente deles:

Não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história. Dois são os termos mais usados pelos manuais de análise literária para designar a função do narrador na história: foco narrativo e ponto de vista (do narrador ou da narração). Tanto um quanto outro referem-se à posição ou perspectiva do narrador frente aos fatos narrados. Assim, teríamos dois tipos de narrador, identificados à primeira vista pelo pronome pessoal usado na narração: primeira ou terceira pessoa (do singular). (2002, p. 26)

Partindo dessa dualidade em relação ao lugar que o narrador ocupa dentro da história e como ele irá transmiti-la ao leitor, contando ou mostrando os fatos. Norman Friedman propõe algumas questões a respeito do mesmo:

1) Quem fala ao leitor? (autor na primeira ou terceira pessoa, personagem na primeira ou ostensivamente ninguém?); 2) De que posição (ângulo) em relação à história ele a conta? (de cima, da periferia, do centro, frontalmente ou alternando?); 3) Que canais de informação o narrador usa para transmitir a história ao leitor? (palavras, pensamentos, percepções e sentimentos do autor; ou palavras e ações do personagem; ou pensamentos, percepções e sentimentos do personagem: através de qual – ou de qual combinação – destas três possibilidades as informações sobre estados mentais, cenário, situação e personagem vêm? ; e 4) A que distância ele coloca o leitor da história? ( próximo, distante ou alternando?).(2002, p.171)

Friedman aborda o ato de contar “telling” e mostrar “showing” a narrativa, para que com isso o autor tenha objetividade em apresentar a evolução tanto da história como dos personagens sem impor sua opinião.

A partir disso, podemos destacar seis categorias distintas de narrador, são eles: Autor onisciente intruso, narrador onisciente neutro, “Eu” como testemunha, Narrador protagonista, Onisciência seletiva múltipla e Onisciência seletiva. Para finalizar sua tipologia, o autor

também vai nos apresentar o modo dramático e a câmera, que não são propriamente narradores, mas também desempenham importantes funções na história.

- O autor onisciente intruso (Editorial omnisciente) é um tipo de narrador que se coloca como bem quer dentro da história e a narra como se estivesse dentro da mesma, fora, na periferia dos acontecimentos, no centro, ele assume a posição que desejar, não se restringindo a determinado ponto.
- Narrador onisciente neutro (Neutral omnisciente) o que o diferencia do primeiro tipo de narrador é o fato desse não dá instruções ou tecer comentários, ele fala na 3ª pessoa descrevendo as personagens para o leitor.
- Narrador-protagonista (“I” as protagonist) tem aspectos do “Eu” como testemunha, e assim como ele, não possui onisciência, não tem acesso ao que as personagens pensam e também há limitações em sua narração, pois vai narrar somente suas percepções e opiniões, podendo alterar a distância entre leitor e a história que está sendo contada.
- Onisciência seletiva múltipla (Multiple selective omniscience) nessa categoria não existe um narrador propriamente dito, as histórias surgem da mente das personagens e de impressões, sensações e fatos que as pessoas deixaram.
- Onisciência seletiva (Selective omniscience) é similar à categoria anterior, apresenta apenas um personagem e não várias, os ângulos são limitados e somente os seus sentimentos, impressões são mostrados ao leitor.
- Modo dramático (The dramatic mode) essa categoria exclui de vez o narrador e os pensamentos das personagens, o leitor é quem deduz os sentimentos e busca dar significado por meio das ações das personagens.
- Câmera (The camera) nessa última categoria temos o ponto máximo de exclusão do autor, as cenas são transmitidas como flashes da realidade.
- “Eu” como testemunha (“I” as witness) narra na primeira pessoa, algo que ele viveu ou vive (tendo assim participado dos eventos ocorridos), ele pode ser tanto um protagonista como uma personagem secundária. Como o próprio nome diz é uma testemunha e nos conta sob sua perspectiva tudo o que viu e ouviu, mas com certas limitações, pois não tem acesso ao que as outras personagens estão pensando e sentindo, podendo apenas deduzir ou supor, mas sem nenhuma certeza.

É nesse tipo de narrador que se enquadra a narradora/personagem Nelly Dean, que foi testemunha de todos os fatos ocorridos na fazenda Wuthering Heights, desde que o seu patrão

o patriarca da família Earnshaw trouxe para casa o renegado Heathcliff e assim alterou toda a vida de todas as personagens da trama de Emily Brontë.

De acordo com Salvatore D'Onofrio (2007), quando analisamos narrativas geralmente encontramos um problema, identificar quem está narrando o texto, pois nunca se deve confundir narrador e autor, o narrador é um personagem de ficção inventado pelo autor e tem sua função específica na obra. Autor e narrador são seres individuais e independentes.

#### 4. ANÁLISE DO CORPUS

O romance de Emily Brontë tem início com a chegada do Sr. Lockwood, inquilino de Trushcross Grange, que primeiro pertenceu aos Linton e agora é propriedade de Heathcliff e como uma cordialidade ele decide fazer uma visita a fazenda Wuthering Heights, onde encontra-se com a jovem Catherine Linton e seu primo Hareton Earnshaw, isso é o bastante para aguçar a sua curiosidade sobre o passado dos habitantes daquela casa. Após uma recepção não muito amigável por parte do seu senhorio e por um infortúnio da natureza, Lockwood se vê forçado a passar a noite lá e tem um encontro sobrenatural com o fantasma de Catherine Earnshaw, a amada de Heathcliff.

Após uma noite conturbada na fazenda, Lockwood sai de lá ao amanhecer e volta a Trushcross Grange. No início ele é o primeiro narrador do romance de Brontë, passando essa tarefa para sua criada Nelly Dean, que outrora viveu com as famílias Earnshaw e Linton. Conhecendo não só a história de seus membros, mas tendo ela participado dos eventos, porém ela faz a narrativa de tudo que testemunhou usando suas próprias opiniões e impressões e por vezes faz o papel de inquisidora deixando aflorar todos os seus valores e moralidade ao contar ao ouvinte do seu relato os fatos com um tom de aspereza, principalmente quando se refere a Catherine:

[...] Catherine, on her part, had no idea why her father should be crosser and less patient in his ailing condition than he was in his prime. His peevish reproofs wakened in her a naughty delight to provoke him: she was never so happy as when we were all scolding her at once, and she defying us with her bold, saucy look, and her ready words [...] (BRONTË; E. 2012 p. 37).<sup>1</sup>

Durante a recuperação de Lockwood, que havia contraído uma gripe, Nelly lhe faz companhia e narra-lhe a história de como o Sr. Earnshaw, pai de Catherine e Hindley, trouxe consigo de uma de suas viagens um garotinho que encontrou vagando pelas ruas de Londres, de procedência desconhecida, o adotou e criou como se fosse seu próprio filho, despertando o ódio de seu primogênito Hindley e o afeto e amor de sua caçula Catherine.

Após a morte do Sr. Earnshaw, Heathcliff é submetido a todo tipo de humilhação e castigos por parte de Hindley e também a rejeição de Catherine que apesar de amá-lo, abre

---

<sup>1</sup> [...] Catherine, por sua vez, não tinha ideia de por que seu pai estava tão irritado e menos paciente em sua condição de doença do que quando ele estava no auge. Suas repreensões implacáveis despertaram nela uma alegria impertinente de provocá-lo: ela nunca foi tão feliz como quando todos nós a repreendíamos imediatamente, e ela nos desafiava com seu olhar ousado e descarado e suas palavras prontas [...] (BRONTË; E. 2012 p. 37, tradução nossa)

mão desse amor pela segurança, conforto, fortuna e prestígio social proporcionados pelo fidalgo pretendente Edgar Linton.

Movido pelo ódio e decepção Heathcliff parte sem deixar rastros e some por alguns anos, retornando culto, educado e com dinheiro e também disposto a pôr em prática um plano de vingança envolvendo todos aqueles que de alguma forma o prejudicaram no passado.

A autora descreve com maestria seus personagens, e a maneira como Nelly Dean narra a história nos mostra como um amor puro e inocente entre duas crianças se transforma em uma chama de ira e loucura que chega ao ponto de destruir e afetar várias gerações de duas famílias. A sede de vingança de Heathcliff é um dos pontos fortes e também o que mantém o leitor extremamente interessado a cada página, somando-se a tudo isso o ambiente tempestuoso, escuro, insuportável e denso onde a história se desenrola.

A forma de narrar à história, promovida por Nelly, faz com que ao lermos *Wuthering Heights*, somos introduzidos num ambiente de total romance e mistério, o qual é narrado em primeiro momento, pelo Sr. Lockwood e, logo após pela governanta Nelly Dean, que será a responsável pelo desenrolar da trama, por ter acompanhado toda a história das famílias Earnshaw e Linton. Ela assume o papel de narradora no momento em que o Sr. Lockwood adoece ao regressar para sua casa, a Thrushcross Grange, e necessita de repouso absoluto. Sendo assim, o Sr. Lockwood argumenta com a Sr.<sup>a</sup> Nelly Dean a possibilidade dela sentar-se e conversar por um momento com ele, já que ela estaria na casa desde muito jovem e para passar o tempo, ela poderia contar algumas histórias a ele, e assim a governanta passa a narrar os fatos vividos em *Wuthering Heights* e posteriormente em *Thrushcross Grange*. O Sr. Lockwood faz a seguinte solicitação a Nelly: “- Well, Mrs. Dean, it will be a charitable deed to tell me something of my neighbours - I fell I shall no rest, if I go to bed; so, be good enough to sit and chat an hour.”(BRONTË; E. 2012 p. 31).<sup>2</sup>

Durante toda história, Nelly se apresenta como uma criada e está inserida numa classe sem valor para a época. Porém é essa posição social que lhe dá total poder e riqueza de detalhes, sendo assim ela passa de uma simples empregada a principal testemunha de tudo que se passa na casa de seus senhores. Haja vista que ela está nos “bastidores” dessa história observando tudo o que está acontecendo na fazenda *Wuthering Heights* onde ela vive desde sua mocidade e posteriormente em *Thrushcross grange*, onde ela vai prestar seus serviços após o casamento de Catherine com o jovem senhor Linton, como afirma Elizabeth Langland (2012).

---

<sup>2</sup> "- Bem, Sra. Dean, será uma caridade sua contar-me algo sobre os meus vizinhos - Sinto, não vou descansar, se eu for para a cama; então, seja boa o suficiente para se sentar e conversar por uma hora. " (BRONTË; E. 2012 p.31, tradução nossa)

Nelly apresenta a trama narrando os fatos para o Sr. Lockwood, o que faz dela o tipo de narrador que se enquadra na tipologia do “Eu” como testemunha, pois ela relata os fatos entre os Earnshaws e os Linton, tanto que sua fala contém riqueza de detalhes, com informações de quem realmente viveu o que está contando. Ela desenrola o enredo com fragmentos do passado, ela narra por meio de flashback, também conhecido como analepse, pequenos *flashes* (ou flashbacks) que vão construindo o romance de Cathy e Hittcliff, em que ela interrompe a sequência cronológica da narrativa ao retroceder os seus relatos no tempo a fim de recontar e apresentar ao leitor os eventos que ocorreram no passado e só a governanta sabia o que aconteceu.

Tendo Nelly vivido desde a infância entre os Earnshaws e crescido junto com as crianças daquele lar, ela acabou adquirindo intimidade com os irmãos Catherine e Hindley, intimidade que foi aumentando à medida que foram crescendo, principalmente após a morte da matriarca da família, quando Nelly assumiu por definitivo tanto o papel de mãe quanto os cuidados com a casa. De acordo com Ligia Chiapinni (2007 p. 06) “Quem narra, narra o que viu o que viveu o que testemunhou, mas também o que imaginou o que sonhou, o que desejou. Por isso, narração e ficção praticamente nascem juntas.”

Observamos essa característica em Nelly quando ela assume o papel de narradora dentro do romance de Brontë, sendo assim, o narrador desempenha uma função crucial e por vezes tem uma influência decisiva no enredo da história e no destino das personagens pois ele não só participa ativamente, como também faz parte dela, podendo ser um dos personagens principais ou um coadjuvante, que apesar de não ter um grande destaque, é de fundamental importância na trama: [...] “- You have lived here a considerable time, “I commenced;” did you not say sixteen years? “Eighteen, sir; I came, when the mistress was married, to wait on her; after she died, the master retained me for his housekeeper.” [...] (BRONTË; E., 2012 pág. 31).<sup>3</sup> Norman Friedman (2002), em sua classificação da tipologia do narrador, aborda também o “eu como testemunha”, aonde o autor vai para os bastidores e o personagem assume o papel de contar a história. O autor se anula, permitindo que a testemunha conte os fatos de acordo com o seu ponto de vista, a cena e o contexto. Nelly Dean é uma narradora em primeira pessoa, o que a diferencia de outros tipos de narradores, pois ela vivencia os acontecimentos dentro do enredo e nos relata o desenvolvimento da trama sob uma

---

<sup>3</sup> [...] “- Você viveu aqui um tempo considerável”, comecei, “você não disse dezesseis anos?” “Dezoito senhor; Eu vim, quando a senhora estava casada, para servi-la; Depois que ela morreu, o mestre me manteve como governanta. [...] (BRONTË; E., 2012 pág. 31, tradução nossa).

perspectiva diferente que é proporcionada pela interação que ela estabelece com os demais personagens.

Ela nos apresenta os aspectos externos dos personagens, tais como: desobediência, raiva, tristeza, ódio, loucura, amor, carinho, temor a Deus, ou seja, ela mostra o relacionamento que eles estabelecem entre si e os desdobramentos das atitudes tomadas por cada um deles na história. Entretanto, ela não consegue nos repassar o que ocorre na mente dos personagens, pois esse narrar em primeira pessoa por parte dela se dá a partir de seu foco em relação aos demais, ao contrário do que poderia ocorrer se ela fosse uma personagem protagonista que narrasse a sua estória e seu relacionamento com os demais, como poderia ser com Heathcliff.

Se Heathcliff narrasse a sua história, com certeza viríamos o desenrolar dos fatos de outra maneira, até mesmo pela influência de seus aspectos psicológicos, de seus sentimentos em relação à Katherine entre outras coisas.

Nelly, por sua vez, nos permite observar os acontecimentos a partir dos olhos do “outro”; os olhos de quem vê tudo o que acontece naquela família: a hostilidade entre Hindley e Heathcliff, o descontentamento do Sr. Earnshaw pelo comportamento de sua filha Catherine, o ódio que cresce no coração de Heathcliff contra Hindley após a morte de seu pai adotivo, entre tantos outros fatos que ela testemunhou.

Por causa disso ela se torna uma testemunha ocular e auricular, o que faz com que o leitor procure pela verdade por intermédio de seus relatos, à medida que ela faz com que esses relatos pareçam verídicos. Nelly e Sr. Lockwood são narradores distintos, cada um tem sua visão sobre a história, e vão repassá-la cada qual a sua maneira. Seja por motivos de ordem política ou até mesmo afetiva, já que ele é da sociedade, homem e rico, e ela é de classe inferior, mulher e de classe média baixa.

A narrativa do Sr. Lockwood é carregada de ironia, pois o mesmo não acredita na visita do fantasma de Cathy, gerando uma tensão no enredo. Seu tom irônico põe em dúvida o que é fantasia e o que real: “[...] The spectre showed a spectre’s ordinary capriche; it gave no sign of being; but the snow and wind whirled wildly through, even reaching my station, and blowing out the light [...]” (BRONTË; E., 2012, pág. 25),<sup>4</sup> de acordo com Paul Ricoeur (1994), a narração é dividida em duas dimensões: em episódica e configurada. A dimensão episódica segue uma linha em série onde episódios acompanham a ordem cronológica do tempo. Já a dimensão configurada é resultado de acontecimentos que independem de ordem e tempo, permitindo o leitor vê a história com totalidade. A narração de Nelly se apresenta de

---

<sup>4</sup> “[...] O fantasma mostrou o capricho comum dos fantasmas; não deu sinal de vida; porém a neve e o vento entraram descontroladamente, chegando até onde eu estava e soprando a luz [...]”.

forma episódica e é comprovada no momento em que uma das passagens narradas por ela, aborda a chegada de Heatcliff na fazenda e os acontecimentos posteriores:

[...] So, from the very beginning, he bred bad feeling in the house; and at Mrs. Earnshaw's death, which happened in less than two years after, the young master had learned to regard his father as an oppressor rather than a friend, and Heathcliff as a usurper of his parent's affections and his privileges; and he grew bitter with brooding over these injuries. I sympathized a while; but when the children fell ill of the measles, and I had to tend them, and take on me the cares of a woman at once, I changed my ideas. [...] (BRONTË; E., 2012, pág. 33).<sup>5</sup>

Beth Braith (1985) afirma que através da narração, e mais adiante por meio do discurso direto e discurso indireto, a personagem recupera a fala e a linguagem, construindo gradativamente a ação, até chegar a atingir a plenitude pretendida pelo construtor, no caso o autor. É possível, de acordo com Walter Benjamin, classificar o narrador em dois perfis: os que viajaram por diversos lugares, e os que ficaram por um longo tempo no mesmo lugar, independente da tipologia da narrativa. Segundo Benjamin:

O grande narrador terá sempre as suas raízes no povo, em primeiro lugar nas camadas artesanais. Mas assim como essas abrangem os artífices camponeses, marítimos e urbanos, nos mais diversos estágios do seu desenvolvimento econômico e técnico, também se graduam muitas vezes os conceitos, nos quais é transmitido o resultado de sua experiência. (1987, p. 214)

Eis então a importância de o narrador viver o momento e estar presente na cena, corroborando o eu como testemunha com a tipologia de Nelly Dean em *Wuthering Heights* diante a morte de Heatcliff, lembrando os tempos de outrora: “[...] I felt stunned by the awful event: and my memory unavoidably recurred to former times with a sort of oppressive sadness [...]” (BRONTË; E., 2012 p. 294)<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> [...] Então, desde o início, ele criou desentendimentos na casa; e na morte da Sra. Earnshaw, que aconteceu menos de dois anos depois, o jovem mestre aprendeu a considerar seu pai como um opressor, em vez de um amigo, e Heathcliff como um usurpador da afeição de seu pai e seus privilégios; e ele ficou amargo com os pensamentos sobre essas injúrias. Eu simpatizava pouco por ele; mas quando as crianças adoeceram de sarampo, eu tive que cuidar delas, e assumir o cuidado de uma mulher definitivamente, mudei minhas ideias[...] (BRONTË; E., 2012, pág. 33, tradução nossa).

<sup>6</sup> “[...] Me senti atordoada pelo terrível evento: e minha lembrança, inevitavelmente, recorreu para sempre com uma espécie de tristeza opressiva [...]” (BRONTË; E., 2012 pág. 294, tradução nossa)

No decorrer da obra Nelly Dean mostra todo seu valor como uma narradora, deixando claro que até uma pessoa pouco instruída, resumida a um mundo doméstico e rural não é inferior em sabedoria e conhecimento sobre a natureza humana.

Ela narra os fatos de um modo dramatizado, é tão personagem da história como aqueles de quem fala e isso a aproxima mais ainda do leitor, pois seu modo de contar cativa e deixa o leitor ávido para conhecer mais a fundo os personagens, a personalidade e o caráter deles.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lermos *Wuthering Heights* constatamos que a escolha desse título para o romance de Emily Brontë não poderia ter sido melhor, pois, não apenas o clima local é denso, tempestuoso, sombrio, obscuro e turbulento, assim como as personagens e suas relações interpessoais. Diferentemente de outras obras, onde geralmente o leitor faz uma distinção entre heróis e vilões, nesta é difícil fazer tal separação já que as personagens vão ao fundo das suas emoções e sentimentos, desde os mais nobres, como o amor e o carinho, até os mais sórdidos, como a vingança e a tortura psicológica. Não menos importante que as personagens principais, Catherine e Heathcliff, temos a participação de Nelly, Dean que toma para si a função principal de narradora quando o Sr. Lockwood (o outro narrador) adoece e fica acamado.

Por ter tido uma visão privilegiada, e também tendo ela mesma vivenciado grande parte dos fatos ocorridos entre as famílias Earnshaw, Linton e Heathcliff, segundo a teorização de Norman Friedman, Nelly faz uma narração em primeira pessoa (o “EU” como testemunha). No foco narrativo esse tipo de narrador consegue transmitir tudo o que vivenciou, presenciou, viu e ouviu, porém não é capaz de saber o que se passa na cabeça das personagens, podendo assim apenas deduzir e chegar as suas próprias conclusões sobre os fatos ocorridos dentro da história, cabendo ao leitor aceitá-los como verídicos ou não.

Apesar de a história de amor conturbada e violenta entre os personagens principais perdurar mesmo após a morte e a obsessão doentia de Heathcliff em reencontrar sua amada serem o ponto alto da trama, quem nos apresenta todos esses fatos é Nelly. Seus julgamentos, tão tendenciosos quanto podem, são os únicos que pertencem aos leitores. Na verdade, devido à falta de outras fontes de informação, o leitor é obrigado a dar as palavras de Nelly como garantidas. Embora seja uma mulher simples, ela parece conhecer todos os personagens, sendo uma espécie de anjo da guarda e no final, permanece a personagem mais sábia em todo o romance.

Enquanto os outros são guiados pela paixão, ela parece ser a única pessoa racional. Nelly procura informações e as recebe mesmo sem pedir isso, tomando assim a liberdade de interpretar os fatos e os sentimentos. Ela de alguma forma decide o que é maligno e o que é bom, tornando-se desse modo uma espectadora, testemunha, advogada e juíza dos outros atuantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. **O narrador magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRAIT, B. **A personagem**. - São Paulo. SP, Ática, 1985.
- BRONTË, E. **Wuthering heights**. The United States of America: sterling publishing, 2012.
- CAMILA, M. Literatura gótica e cinema: narrativas sobre famílias. **Todas as Musas** [s.l], v.2, n.2, p. 145, Jan-Jun, 2011.
- CARVALHO, A. L. C. **Foco narrativo e fluxo de consciência: questões de teoria literária**. São Paulo: Pioneira, 1981.
- Cinema Clássico. **Cinema**. Disponível em <<http://cinemaclassico.com/listas/o-morro-dos-ventos-uivantes-telas/>>. Acesso em: 26 de Janeiro de 2017.
- Diário de Cuiabá. **Literatura**. Disponível em: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=423636> >. Acesso em: 26 de Janeiro de 2017.
- FRIEDMAN, N. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. **Revista USP**. n 53, p. 166-182, São Paulo, 2002.
- GANCHO, C.V. **Como analisar narrativas**. Ed. Ática, São Paulo, 2002.
- KLEE, M. M. Fantasmas da paisagem gótica feminina: **A tradição dialoga em changing heaven , de Jane Urquhart**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade federal do Rio Grande, Rio Grande, 2008.
- LANGLAND, E. C. In: **The Brontës in context**. THORMÄHLEN, M. ed. New York: Cambridge University Press, 2012.
- LEITE, L.C.M. **O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)**. Ed. Ática, São Paulo, 2007.
- OBVIOUS. **Literatura**. Disponível em: <[http://obviousmag.org/archives/2012/05/emily\\_bronte\\_e\\_seu\\_unico\\_romance.html](http://obviousmag.org/archives/2012/05/emily_bronte_e_seu_unico_romance.html)>. Acesso em: 26 de janeiro de 2017.
- PETROVA, M. A poética do romance gótico na coletânea '**Noites em uma granja perto de Dikankav de N.V. Gógol**'. 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo- SP, 2016
- RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa** (tomo I). ed. Papirus, Campinas-SP, 1994.
- SOCIEDADE CHESTERTON BRASIL. **Literatura**. Disponível em: <<http://www.sociedadechestertonbrasil.org/resenha/a-era-vitoriana-na-literatura> >. Acesso em: 26 de Janeiro de 2017.

VASCONCELOS, S.G.T. **A formação do romance inglês** ed. Fapesp, p.119-124, São Paulo, 2007.

\_\_\_\_\_. **Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII**. Ed. Boitempo, São Paulo,